

“Todo homem tem maus pensamentos a seu próprio
respeito por não ter sido soldado.”

SAMUEL JOHNSON

P R E F Á C I O

Em 1809 o exército britânico era dividido em regimentos, como hoje, mas a maioria dos regimentos era descrito por números, e não por nomes; assim, por exemplo, o Regimento de Bedfordshire era chamado de 14º, o Connaught Rangers era chamado de 88º, e assim por diante. Os próprios soldados preferiam os nomes, mas tiveram de esperar até 1881 para sua adoção oficial. Deliberadamente não dei nenhum número ao regimento fictício de South Essex.

Um regimento era uma unidade administrativa; a unidade básica de combate era o batalhão. A maioria dos regimentos consistia de pelo menos dois batalhões, mas alguns, como o imaginário de South Essex, eram pequenos regimentos de um único batalhão. Por isso, em *A águia de Sharpe*, as duas palavras são usadas de modo intercambiável para o South Essex. No papel, um batalhão deveria ter cerca de mil homens, mas a doença e as baixas, além da escassez de recrutas, implicava que os batalhões costumassem ir para o combate com apenas quinhentos ou seiscientos soldados.

Todos os batalhões eram divididos em dez companhias. Duas dessas, a Companhia Ligeira e a Companhia de Granadeiros, eram a elite do batalhão, e as companhias ligeiras, em particular, eram tão úteis que regimentos inteiros compostos de tropas ligeiras, como o 95º de Fuzileiros, estavam sendo criados ou expandidos.

Geralmente o batalhão era comandado por um tenente-coronel, com dois majores, dez capitães e, abaixo deles, os tenentes e os alferes. Nenhum

desses oficiais teria recebido qualquer treinamento formal; isso era reservado para os oficiais da engenharia e da artilharia. Aproximadamente um oficial em cada vinte era promovido a partir dos postos mais baixos. A promoção normal era por antiguidade e não por mérito, mas um homem rico, desde que tivesse servido por um período mínimo em seu posto, poderia comprar a promoção seguinte e assim furar a fila. O sistema de compra podia resultar em promoções muito injustas, mas vale lembrar que, sem ela, o soldado inglês mais bem-sucedido, sir Arthur Wellesley, mais tarde duque de Wellington, jamais teria chegado a um posto elevado no início da carreira, para formar o exército mais brilhante que a Grã-Bretanha jamais possuiu; o exército em que Richard Sharpe lutou contra os franceses através de Portugal e Espanha, entrando na França entre 1808 e 1814.

CAPÍTULO I

Os canhões podiam ser ouvidos muito antes de surgirem. Crianças agarravam as saias das mães e se perguntavam que coisa pa-
vorosa fazia aquele barulho. O som de cascos dos grandes cava-
los misturado ao tilintar de tirantes e correntes, o trovejar oco das rodas
5. indistintas, e acima de tudo isso os estrondos à medida que toneladas de
latão, ferro e madeira chacoalhavam no pavimento quebrado da cidade.
Então surgiram: canhões, armões, cavalos e batedores, e os artilheiros pa-
reciam tão rijos quanto os barris atarracados e enegrecidos que falavam da
luta no norte, para onde a artilharia havia arrastado suas armas enormes
10. através de rios cheios e subindo encostas encharcadas de chuva para gol-
pear o inimigo até o esquecimento e a derrota. Agora faziam isso de novo.
Mães seguravam os filhos menores e apontavam para as armas, alardea-
vam que aqueles ingleses fariam Napoleão sentir vontade de ter ficado na
Córsega, mamando nas porcas, que era o que ele sabia fazer.
15. E a cavalaria! Os civis portugueses aplaudiam as fileiras de uniformes
maravilhosos que passavam trotando, os sabres curvos, polidos, desembai-
nhados para ficarem à vista nas ruas e praças de Abrantes, e a poeira fina
dos cascos dos cavalos era um preço pequeno a pagar pela visão dos regi-
mentos esplêndidos que, pelo que dizia o povo da cidade, expulsariam os
20. franceses por cima dos Pirineus até os esgotos da própria Paris. Quem
poderia resistir àquele exército? Do norte e do sul, dos portos na costa
oeste, os homens estavam se reunindo e marchando para o leste pela estra-

da que levava à fronteira com a Espanha e ao inimigo. Portugal seria livre, o orgulho da Espanha seria restaurado, a França seria humilhada e esses soldados ingleses poderiam voltar às suas tavernas e às estalagens, deixando Abrantes e Lisboa, Coimbra e o Porto em paz. Os próprios soldados não estavam tão confiantes. Certo, haviam derrotado o exército de Soult no norte, mas, marchando para dentro das próprias sombras que iam se alongando, imaginavam o que haveria para além de Castelo Branco, a próxima cidade, a última antes da fronteira. Logo enfrentariam de novo os veteranos de casacas azuis, de Jena e Austerlitz, os mestres dos campos de batalha da Europa, os regimentos franceses que haviam transformado os melhores exércitos do mundo praticamente em picadinho. O povo da cidade estava impressionado, pelo menos pela cavalaria e a artilharia, mas para olhos experientes os soldados que se reuniam em volta de Abrantes eram lamentavelmente poucos, e os exércitos franceses no leste eram ameaçadoramente grandes. O exército britânico que maravilhava as crianças de Abrantes não amedrontaria os marechais franceses.

O tenente Richard Sharpe, esperando ordens em seu alojamento nos arredores da cidade, observou a cavalaria embainhar os sabres enquanto os últimos espectadores eram deixados para trás, depois retornou ao trabalho de desenrolar a bandagem suja de sua coxa.

À medida que os últimos centímetros se descolavam pegajosos, algumas larvas caíram no chão e o sargento Harper se ajoelhou para pegá-las antes de olhar o ferimento.

— Está curado, senhor. Lindo.

Sharpe resmungou. O corte de sabre havia se transformado em vinte e três centímetros de cicatriz franzida, limpa e rosada contra a pele mais escura. Pegou uma última larva gorda e entregou a Harper, para ser guardada.

— Pronto, minha beldade, você está bem alimentada. — O sargento Harper fechou a lata e olhou para Sharpe. — O senhor teve sorte.

Era verdade, pensou Sharpe. O hussardo francês quase havia acabado com ele, a lâmina do sujeito vinha na metade de um violento golpe de cima para baixo quando a bala do fuzil de Harper o arrancara da sela, e a

careta do francês, emoldurada pelos estranhos rabichos dos cabelos, tinha se transformado em agonia súbita. Sharpe havia se retorcido desesperadamente para longe; e o sabre, apontado para seu pescoço, cortou a perna para deixar outra cicatriz como lembrança de dezesseis anos no exército britânico. Não era um ferimento fundo, mas Sharpe já vira muitos homens morrerem de cortes menores, com o sangue envenenado, a carne desbotada e fedendo, e os médicos impotentes para fazer qualquer coisa além de deixar o sujeito suar e apodrecer até a morte nos necrotérios que eles chamavam de hospitais. Um punhado de larvas fazia mais do que qualquer médico do exército, comendo o tecido doente para deixar a carne saudável se fechar naturalmente. Ele se levantou e testou a perna.

— Obrigado, sargento. Está como nova.

— O prazer é todo meu, senhor.

Sharpe vestiu o macacão de cavalaria, que usava em vez da calça verde regulamentar do 95º de Fuzileiros. Tinha orgulho do macacão verde com seus reforços de couro preto, arrancado do cadáver de um coronel *chasseur*, da Guarda Imperial de Napoleão no inverno anterior. A parte externa de cada perna fora decorada com mais de vinte botões de prata, e o metal havia pagado comida e bebida enquanto seu pequeno grupo de fuzileiros refugiados escapava para o sul através das neves da Galícia. A morte do coronel fora uma sorte; nos dois exércitos não havia muitos homens altos como Sharpe, mas o macacão lhe servia perfeitamente e as botas de couro preto do francês, macias, ricas, pareciam feitas para o tenente inglês. Patrick Harper não tivera tanta sorte. O sargento era dez centímetros mais alto do que Sharpe, e o irlandês enorme ainda não havia encontrado nenhuma calça para substituir a sua desbotada, remendada e rasgada, que mal serviria para espantar corvos num campo de nabos. Toda a companhia estava assim, refletiu Sharpe, com os uniformes puídos, as botas literalmente amarradas com tiras de pele de animais, e enquanto seu batalhão continuasse em casa, na Inglaterra, a pequena companhia de Sharpe não podia encontrar qualquer oficial comissário disposto a complicar seus livros de contabilidade dando-lhes novas calças ou sapatos.

— Quer um banho húngaro, senhor?

Sharpe balançou a cabeça.

— Dá para aguentar.

Não havia muitos piolhos no paletó, não o suficiente para justificar colocá-lo na fumaça de capim e ficar cheirando como um fogareiro de carvão nos dois dias seguintes. O paletó estava tão gasto quanto os do resto da companhia, mas nada, nem mesmo o cadáver mais bem vestido de Portugal ou da Espanha, convenceria Sharpe a jogá-lo fora. Era-verde, o paletó verde-escuro do 95º de Fuzileiros, e era o distintivo de um regimento de elite. A infantaria britânica usava vermelho, mas a melhor infantaria britânica usava verde, e mesmo depois de três anos no 95º Sharpe ainda sentia prazer na distinção do uniforme verde. Era tudo que ele possuía, seu uniforme e o que podia carregar às costas. Richard Sharpe não conhecia um lar além do regimento, nem família além de sua companhia, nem pertences além do que cabia em sua mochila e nas bolsas. Não conhecia outro modo de viver e esperava morrer assim. Na cintura amarrava a faixa vermelha de oficial e a cobria com o cinto de couro preto com sua fivela de prata em forma de cobra. Depois de um ano na Península, apenas a faixa e a espada denotavam o posto de oficial, e até mesmo a espada, como o macacão, violava os regulamentos. Os oficiais dos fuzileiros, como todos os oficiais da infantaria ligeira, deveriam carregar um sabre curvo de cavalaria, mas Sharpe odiava aquela arma. Em seu lugar usava a espada longa e reta da cavalaria pesada; uma arma bruta, mal equilibrada e grosseira, mas Sharpe gostava da sensação de uma lâmina selvagem que podia derrubar as espadas mais finas dos oficiais franceses e empurrar de lado um mosquete com baioneta.

A espada não era sua única arma. Durante dez anos Richard Sharpe havia marchado com as fileiras de casacas-vermelhas, primeiro como soldado raso, depois, sargento, carregando um mosquete de cano liso pelas planícies da Índia. Precisara ficar na linha de combate com a pesada arma de pederneira, penetrara aterrorizado nas fileiras rompidas, carregando uma baioneta, e continuava levando uma arma longa para a batalha. O fuzil Barker era sua marca registrada, distinguia-o dos outros oficiais, e os alferes de dezesseis anos, frescos em seus uniformes novos e lustrosos, olha-

vam com cautela para o tenente alto, de cabelos pretos, com o fuzil pendurado e a cicatriz que, a não ser quando sorria, dava ao rosto uma expressão de diversão sinistra. Alguns imaginavam se as histórias eram verdadeiras, histórias de Seringapatam e Assaye, de Vimeiro e Lugo, mas um vislumbre dos olhos aparentemente zombeteiros, ou a visão dos cabos gastos de suas armas faziam a imaginação parar. Poucos novatos paravam para pensar no que o fuzil representava de verdade, a luta mais feroz que Sharpe jamais havia travado: a subida pelos postos até o refeitório dos oficiais. O sargento Harper olhou pela janela, para a praça inundada pelo sol da tarde.

— Aí vem o Feliz, senhor.

— O capitão Hogan.

Harper ignorou a censura. Ele e Sharpe estavam juntos havia muito tempo, tinham compartilhado perigos demais, e o sargento sabia exatamente que tipo de liberdade podia tomar com seu oficial taciturno.

— Ele está parecendo mais alegre do que nunca, senhor. Deve ter outro serviço para nós.

— Eu gostaria que ele nos mandasse para casa.

Harper, com as mãos enormes desmontando gentilmente o fecho de seu fuzil, fingiu não ter ouvido. Sabia o que a observação significava, mas o assunto era perigoso. Sharpe comandava os restos de uma companhia de fuzileiros que fora separada da retaguarda do exército de sir John Moore durante a retirada para Corunna, no inverno anterior. Fora uma campanha terrível num tempo que mais parecia com as histórias dos viajantes sobre a Rússia do que com o norte da Espanha. Homens haviam morrido durante o sono, com o cabelo congelado no chão, enquanto outros caíam exaustos pela marcha e deixavam a morte dominá-los. A disciplina do exército havia desmoronado e os desgarrados bêbados eram presa fácil para a cavalaria francesa que instigava as montarias exaustas nos calcanhares do exército britânico. A escória foi salva do desastre somente pelos poucos regimentos, como o 95º, que mantiveram a disciplina e continuaram lutando. 1808 virou 1809 e o pesadelo da batalha continuou, uma batalha travada com pólvora úmida, por homens que congelavam, espiando através da névoa em busca de um vislumbre das capas dos dragões franceses.

Então, num dia em que a nevasca inchava no vento como um monstro malévolo, a companhia fora separada do resto pelos cavaleiros. O capitão foi morto, os outros tenentes também, os fuzis não disparavam e os sabres inimigos subiam e desciam, e a neve úmida abafava todos os sons, exceto os grunhidos dos dragões e os golpes terríveis das lâminas abrindo ferimentos que soltavam vapor no ar gelado. O tenente Sharpe e uns poucos sobreviventes abriram caminho lutando, e subiram para pedras altas onde os cavaleiros não poderiam segui-los, mas quando a tempestade amainou e os últimos homens desesperadamente feridos morreram, não havia esperança de se juntar de novo ao exército. O segundo batalhão do 95º de Fuzileiros havia navegado para casa enquanto Sharpe e seus trinta homens, perdidos e esquecidos, dirigiam-se para o sul, para longe dos franceses, para se juntar à pequena guarnição britânica em Lisboa.

Desde então Sharpe havia pedido uma dúzia de vezes para ser mandado para casa, mas os fuzileiros eram muito raros, valiosos demais, e o novo comandante do exército, sir Arthur Wellesley, não estava disposto a perder nem mesmo trinta e um deles. Assim haviam permanecido e lutado para qualquer batalhão que precisasse de reforço em sua companhia ligeira e tinham marchado de novo para o norte, voltando pelo mesmo caminho, e estavam com Wellesley quando ele vingou sir John Moore expulsando o marechal Soult e seus veteranos do norte de Portugal. Harper sabia que seu tenente guardava uma raiva ressentida da situação. Richard Sharpe era pobre, pobre como um cão, e jamais teria dinheiro para comprar sua promoção seguinte. Tornar-se capitão, mesmo num batalhão comum, custaria a Sharpe mil e cem libras, e era mais fácil esperar ser aclamado rei da França do que conseguir esse dinheiro. Tinha apenas uma esperança de promoção: o tempo de serviço em seu próprio regimento; ocupar o lugar de homens que morriam ou eram promovidos e cujos postos não tivessem sido comprados. Mas enquanto Sharpe estivesse em Portugal e o regimento em casa, na Inglaterra, ele estava sendo repetidamente esquecido e renegado, e a injustiça azedava seu ressentimento. Via homens mais novos comprar seus postos de capitão, de major, enquanto ele, um soldado melhor, era deixado no monturo porque era pobre e porque estava lutando em vez de permanecer em segurança na Inglaterra.

A porta do chalé se abriu com um estrondo e o capitão Hogan entrou na sala. Com sua casaca azul e as calças brancas parecia um oficial da marinha, e dizia que seu uniforme fora confundido com o de um francês com tanta frequência que fora alvo de mais tiros de seu próprio lado do que do inimigo. Era engenheiro, um dentre o número insignificante de engenheiros militares em Portugal, e riu enquanto tirava seu chapéu de bicos e assentia na direção da perna de Sharpe.

— O guerreiro está curado? Como vai a perna?

— Perfeita, senhor.

— As larvas do sargento Harper, hein? Bom, nós, irlandeses, somos demônios espertos. Deus sabe onde vocês, ingleses, estariam sem nós — Hogan tirou sua caixa de rapé e inalou uma pitada enorme. Enquanto esperava o espirro inevitável, Sharpe olhou com apreço o capitão pequeno, de meia-idade. Durante um mês seus fuzileiros haviam sido a escolta de Hogan enquanto o engenheiro mapeava as estradas nos altos desfiladeiros que levavam à Espanha. Não era segredo que qualquer dia Wellesley levaria o exército para a Espanha, para seguir o rio Tejo que apontava como uma lança na direção da capital, Madri. E Hogan, além de desenhar mapas intermináveis, havia reforçado os aquedutos e as pontes que teriam de suportar as toneladas de latão e madeira enquanto a artilharia de campo viajava na direção do inimigo. Havia sido um serviço bem feito, em companhia agradável, até começar a chover, os fuzis não dispararem e o enlouquecido hussardo francês quase ganhar fama com sua desvairada carga solitária contra os fuzileiros. De algum modo o sargento Harper conseguira manter a unidade longe de sua caçoleta da escorva, e Sharpe ainda tremia ao pensar no que poderia ter acontecido se o fuzil não disparasse.

O sargento recolheu as peças do fecho de seu fuzil como se fosse sair, mas Hogan levantou a mão.

— Fique, Patrick. Tenho um presente para você; um presente que até mesmo um pagão de Donegal gostaria. — Ele pegou uma garrafa escura em sua mochila e levantou uma sobancelha para Sharpe. — Você não se importa?

Sharpe balançou a cabeça. Harper era um homem bom, bom em tudo que fazia, e nos três anos em que se conheciam Sharpe e Harper haviam se tornado amigos, ou pelo menos mais amigáveis que um oficial e um sargento poderiam ser. Sharpe não conseguia se imaginar lutando sem o enorme irlandês ao lado, o irlandês morria de medo de lutar sem Sharpe, e juntos eram a dupla mais formidável que Hogan já vira num campo de batalha. O capitão pôs a garrafa na mesa e tirou a rolha.

— Conhaque. Conhaque francês da adega do marechal Soult, capturada no Porto. Com os cumprimentos do general.

— De Wellesley? — perguntou Sharpe.

— Do próprio. Ele perguntou por você, Sharpe, e eu disse que você estava sendo tratado de um ferimento, caso contrário estaria comigo.

Sharpe não disse nada. Hogan parou de derramar cuidadosamente o líquido.

— Não seja injusto, Sharpe! Ele gosta de você. Acha que ele se esqueceu de Assaye?

Assaye. Sharpe se lembrava muito bem. O campo de mortos perto da aldeia na Índia, onde ele fora comissionado no campo de batalha. Hogan empurrou para ele um copo de estanho cheio de conhaque.

— Você sabe que ele não pode torná-lo capitão do 95°. Ele não tem poder para isso!

— Sei — Sharpe sorriu e levou o copo aos lábios. Mas Wellesley tinha poder para mandá-lo para casa, onde a promoção poderia acontecer. Empurrou o pensamento para longe, sabendo que o insulto irritante de seu posto logo retornaria, e sentia inveja de Hogan que, sendo engenheiro, só podia obter a promoção pela antiguidade. Isso significava que Hogan ainda era apenas capitão, mesmo tendo mais de cinquenta anos, mas pelo menos não havia ciúme e injustiça porque ninguém poderia comprar o atalho de subida na escada da promoção. Inclinou-se adiante. — E então? Alguma novidade? Ainda estamos com você?

— Estão. E temos um serviço — os olhos de Hogan piscaram. — Um serviço maravilhoso.

Patrick Harper riu.

— Isso significa um grande estrondo.

Hogan assentiu.

— Está certo, sargento. Uma grande ponte a ser mandada para o outro mundo com uma explosão. — Ele tirou um mapa do bolso e desdobrou-o na mesa. Sharpe olhou um dedo cheio de calos acompanhar o rio Tejo, desde o mar até Lisboa, passando por Abrantes, onde estavam agora, e entrando na Espanha onde o rio fazia uma enorme curva para o sul. — Valdelacasa — disse Hogan. — Há uma velha ponte lá, uma ponte romana. O general não gosta dela.

Sharpe podia ver o motivo. O exército marcharia à margem norte do Tejo em direção a Madri, e o rio guardaria seu flanco direito. Havia poucas pontes onde os franceses poderiam atravessar e atacar suas linhas de suprimentos, e essas pontes ficavam em cidades, como Alcântara, onde os espanhóis mantinham guarnições para proteger as travessias. Valdelacasa nem mesmo estava indicado. Se não havia cidade não haveria guarnição, e uma força francesa poderia atravessar e causar tumulto na retaguarda britânica. Harper se inclinou e olhou o mapa.

— Por que não está indicado, senhor?

Hogan fez um ruído de desprezo.

— Fico surpreso por que esse mapa indicar Madri, que dirá Valdelacasa. — Ele estava certo. O mapa de Tomas Lopez, o único disponível nos exércitos que estavam na Espanha, era uma maravilhosa obra de imaginação espanhola. Hogan bateu com o dedo no mapa. — A ponte quase não é usada, está em más condições. Disseram-nos que mal era possível atravessar com uma carroça, quanto mais um canhão, mas poderia ser consertada e nós poderíamos ter “calças velhas” na nossa traseira num instante. — Sharpe sorriu. — “Calças velhas” era o estranho apelido dado pelos fuzileiros aos franceses, e Hogan havia adotado com gosto a expressão. O engenheiro baixou a voz de modo conspirador. — É um lugar estranho, pelo que me disseram, apenas um convento arruinado e a ponte. Chamam de El Puente de los Malditos. — Ele assentiu como se tivesse provado um argumento.

Sharpe esperou alguns segundos e suspirou.

— Certo. O que significa?

Hogan deu um sorriso de triunfo.

— Fico surpreso por você ter de perguntar! Significa “Ponte dos Malditos”. Parece que, há anos, todas as freiras foram tiradas do convento e massacradas pelos mouros. O lugar é mal-assombrado, Sharpe, tomado pelos espíritos dos mortos!

Sharpe se inclinou adiante para olhar com mais atenção o mapa. Avaliando pelo tamanho do dedo de Hogan, a ponte devia estar a uns noventa e cinco quilômetros depois da fronteira, e eles se encontravam a uma distância equivalente com relação à Espanha.

— Quando partimos?

— Bom, há um problema. — Hogan dobrou o mapa cuidadosamente. — Podemos partir para a fronteira amanhã, mas não podemos atravessar até sermos formalmente convidados pelos espanhóis. — Ele se recostou de novo, com o copo de conhaque. — E temos de esperar nossa escolta.

— Escolta! — Sharpe se eriçou. — Nós somos a sua escolta.

Hogan balançou a cabeça.

— Ah, não. Isto é política. Os espanhóis vão nos deixar explodir sua ponte, mas apenas se um regimento espanhol for junto. Parece que é uma questão de orgulho.

— Orgulho! — A raiva de Sharpe era óbvia. — Se você tem um regimento espanhol inteiro, por que, diabos, precisa de nós?

Hogan sorriu acalmando-o.

— Ah, eu preciso de você. E tem mais, veja bem. — Ele foi interrompido por Harper. O sargento estava parado junto à janela, sem ouvir a conversa dos dois, e olhando para a pequena praça.

— Isso é uma beleza. Ah, senhor, isso pode limpar meu fuzil a qualquer dia da semana.

Sharpe olhou pela pequena janela. Do lado de fora, numa égua preta, estava uma jovem vestida de preto; calções pretos, paletó preto e um chapéu de aba larga que sombreava o rosto mas de modo algum obscurecia uma beleza espantosa. Sharpe viu uma boca larga, olhos escuros, cabelos encaracolados cor de pólvora fina, e então ela percebeu o exame deles.

Sorriu ligeiramente e se virou para o outro lado, deu uma ordem ríspida a um serviçal que segurava o cabresto de uma mula, e olhou para a estrada que ia da praça em direção ao centro de Abranches. Hogan fez um pequeno ruído de contentamento.

— Isso é especial. Não costuma aparecer com frequência. Quem será?

— Mulher de algum oficial? — sugeriu Sharpe.

Harper balançou a cabeça.

— Não usa aliança, senhor. Mas está esperando alguém, desgraçado sortudo.

E um desgraçado rico, pensou Sharpe. O exército estava coletando sua cauda costumeira de mulheres e crianças que acompanhavam os regimentos à guerra. Cada batalhão tinha permissão de levar sessenta esposas de soldados para uma guerra no exterior, mas ninguém podia impedir que outras mulheres se juntassem às esposas “oficiais”; jovens do local, prostitutas, costureiras e lavadeiras, todas ganhando a vida com o exército. Esta jovem parecia diferente. Havia nela o cheiro de dinheiro e privilégio, como se tivesse fugido de um rico lar de Lisboa. Sharpe presumiu que ela fosse amante de um oficial rico, fazendo parte de seu equipamento como os cavalos puros-sangues, as pistolas Manton, os talheres de prata para refeições em campo e os cães que ele faria trotar obedientes atrás do cavalo. Havia muitas garotas como ela, Sharpe sabia, garotas que custavam muito dinheiro, e sentiu a velha inveja subir por dentro.

— Meu Deus. — Ainda olhando pela janela, Harper havia falado de novo.

— O que é? — Sharpe se inclinou adiante e, como seu sargento, mal pode acreditar nos próprios olhos. Um batalhão de infantaria britânica estava marchando para a praça, mas era um batalhão do tipo que Sharpe não encontrava havia mais de doze meses. Um ano em Portugal tinha transformado o exército no pesadelo de um sargento instrutor, os uniformes dos soldados haviam desbotado e recebido remendos do pano marrom que era visto em toda parte com os camponeses de Portugal, os cabelos tinham crescido, o brilho desaparecera havia muito dos botões e dos distintivos. Sir Arthur Wellesley não se importava; só queria que o soldado

tivesse sessenta balas e cabeça limpa, e se as calças eram marrons em vez de brancas, isso não fazia diferença para o resultado de uma luta. Mas esse batalhão havia acabado de chegar da Inglaterra. Suas casacas eram de um escarlate luminoso, as cartucheiras cruzadas pintadas de branco com alvaiade, as botas de um preto espelhado. Cada homem usava polainas bem abotoadas e, mais surpreendente ainda, continuavam com os infames *stocks*; dez centímetros de couro preto rígido e envernizado que apertava o pescoço e deveria manter o queixo alto e as costas retas. Sharpe não conseguia se lembrar da última vez em que vira um *stock*; assim que entravam em campanha os homens os “perdiam”, e junto iam embora as feridas purulentas onde o couro rígido penetrava na pele macia por trás do maxilar.

— Eles fizeram a curva errada indo para o castelo de Windsor — disse Harper.

Sharpe balançou a cabeça.

— São inacreditáveis! — Quem comandava aquele batalhão devia ter transformado a vida dos homens num inferno para fazer com que parecessem tão imaculados a despeito da viagem da Inglaterra em navios apinhados e imundos e da longa marcha desde Lisboa, sob o calor do verão. As armas brilhavam, o equipamento era impecável e regular, enquanto os rostos inchavam vermelhos por causa dos *stocks* apertando e do sol ao qual não estavam acostumados. Na frente de cada companhia cavalgavam os oficiais; todos, observou Sharpe, com montarias soberbas. As bandeiras estavam acondicionadas em bainhas de couro polido e eram guardadas por sargentos cujas albardas haviam sido esfregadas até produzir um brilho luminoso. Os homens marchavam em passo perfeito, sem olhar à direita ou à esquerda, parecendo, como dissera Harper, que estavam indo para o serviço real em Windsor.

— Quem são? — Sharpe estava tentando pensar nos regimentos que tinham acabamentos amarelos no uniforme, mas este não se parecia com nenhum dos que ele conhecia.

— O South Essex — disse Hogan.

— O quê?

— O South Essex. É novo, muito novo. Acabou de ser organizado pelo tenente-coronel sir Henry Simmerson, primo do general sir Banestre Tarleton.

Sharpe assobiou baixinho. Tarleton havia lutado na guerra americana e agora fazia parte do Parlamento, como o maior opositor militar de Wellesley. Sharpe ouvira dizer que Tarleton queria o comando do exército em Portugal, e se ressentia amargamente da preferência pelo homem mais novo. Tarleton era um homem de influência, perigoso inimigo de Wellesley, e Sharpe sabia o suficiente sobre política do alto-comando para perceber que a presença do primo de Tarleton no exército não seria bem-vinda por Wellesley.

— É aquele? — Sharpe apontou para um homem corpulento montando um cavalo cinza no centro do batalhão.

Hogan assentiu.

— Aquele é sir Henry Simmerson, que Deus o preserve ou, de preferência, não.

O tenente-coronel sir Henry Simmerson tinha rosto vermelho marcado por veias roxas e papadas balouçantes. Os olhos, à distância em que Sharpe via, pareciam pequenos e vermelhos, e dos dois lados do rosto suspeito, que parecia procurar alguma coisa, brotavam orelhas proeminentes que pareciam os munhões que se projetavam de cada lado de um cano de canhão. Ele parecia, pensou Sharpe, um porco montado a cavalo.

— Nunca ouvi falar desse sujeito.

— Não é surpreendente. Ele não fez nada — disse Hogan com escárnio. — Tem dinheiro de terras, representa Paglesham no Parlamento, é juiz de paz e, que Deus nos ajude, coronel da milícia. — Hogan pareceu surpreso com sua própria falta de caridade. — É bem-intencionado. Não ficará satisfeito até que esses garotos sejam o melhor batalhão do exército, mas acho que terá um choque terrível ao descobrir a diferença entre nós e a milícia.

Como outros oficiais regulares, Hogan tinha pouco tempo para a milícia, o segundo exército britânico. Era usada exclusivamente dentro da própria Grã-Bretanha, jamais tivera de lutar, jamais passara fome, jamais dormira num campo aberto sob um aguaceiro, no entanto desfilava com pompa e empáfia gloriosas. Hogan riu.

— Não podemos reclamar. Temos sorte de ter sir Henry.

— Sorte? — Sharpe olhou para o engenheiro grisalho.

— Ah, sim. Sir Henry só chegou em Abrantes ontem, mas nos disse que é um grande especialista em guerra. O sujeito ainda não viu um francês, mas fez um sermão para o general, sobre como derrotá-los! — Hogan riu e balançou a cabeça. — Talvez ele aprenda. Uma batalha pode tirar toda a goma do sujeito.

Sharpe olhou as companhias que marchavam firmes pela praça, como autômatos. Os distintivos de latão em suas barretinas refletiam o sol, mas os rostos por baixo do brilho eram inexpressivos. Sharpe adorava o exército, era seu lar, o refúgio que um órfão necessitara dezesseis anos antes, mas gostava acima de tudo porque lhe dava, de um modo desajeitado, a oportunidade de provar repetidamente que era valorizado. Podia se irritar com os ricos e privilegiados, mas reconhecia que o exército o havia tirado da sarjeta e colocado uma faixa de oficial em sua cintura, e não conseguia pensar em outro trabalho que oferecesse a um bastardo mal nascido, fugitivo da lei, a chance de obter posto e responsabilidade. Mas Sharpe também tivera sorte. Em dezesseis anos raramente havia parado de lutar, e tivera a sorte de as batalhas em Flandres, na Índia e em Portugal exigirem homens como ele, que reagiam ao perigo como um jogador reagia diante de um baralho. Sharpe suspeitava que odiaria o exército em tempo de paz, com seus desfiles e exercícios sem sentido, seus ciúmes mesquinhos e o polimento interminável, e no regimento de South Essex via o exército de tempo de paz, que ele não desejava.

— Imagino que ele goste de açoitar, não é?

Hogan fez uma careta.

— Açoites, formaturas de castigo, exercícios extras. É só citar, que sir Henry usa. Diz que só terá os melhores. E eles são. O que você acha?

Sharpe deu um riso sério.

— Que Deus me livre do South Essex. Não estou pedindo muito, estou?

Hogan sorriu.

— Acho que está.

Sharpe olhou-o, com um sentimento de aperto no estômago. Hogan deu de ombros.

— Eu lhe disse que havia mais. Se um regimento espanhol vai marchar até Valdelacasa, sir Arthur acha, em nome da diplomacia, que um regimento britânico também deve ir. Para mostrar a bandeira; esse tipo de coisa. — Ele olhou para as fileiras polidas e de volta para Sharpe. — Sir Henry Simmerson e seus belos homens vão conosco.

Sharpe gemeu.

— Quer dizer que vamos receber ordens dele?

Hogan franziu os lábios.

— Não exatamente. Falando estritamente, você receberá ordens de mim. — Ele havia falado com elegância, como um advogado, e Sharpe o olhou curioso. Só poderia haver um motivo para Wellesley ter subordinado Sharpe e seus fuzileiros a Hogan, em vez de a Simmerson, e era porque o general não confiava em sir Henry. Sharpe ainda se perguntava por que ele era necessário; afinal de contas Hogan poderia esperar a proteção de dois batalhões inteiros, pelo menos mil e quinhentos homens. — O general espera luta?

Hogan deu de ombros.

— Ele não sabe. Os espanhóis dizem que os franceses têm todo um regimento de cavalaria na margem sul, com artilharia montada, que estiveram perseguindo guerrilheiros rio acima e rio abaixo desde a primavera. Quem sabe? Ele acha que eles podem tentar nos impedir de explodir a ponte.

— Ainda não entendo por que o senhor precisa de nós.

Hogan sorriu.

— Talvez não precise. Mas não haverá nenhuma ação durante um mês; os franceses nos deixarão penetrar fundo na Espanha antes de lutarem, de modo que Valdelacasa pelo menos será a chance de uma escaramuça. E quero ter alguém em quem confio. Talvez eu só queira você junto como um favor, não é?

Sharpe sorriu. Tremendo favor, ser babá de um coronel da milícia que achava saber tudo, mas se calou.

— Pelo senhor, será um prazer.

Hogan sorriu de volta.

— Quem sabe? Pode ser. Ela também vai. — Sharpe acompanhou o olhar de Hogan pela janela e viu a jovem vestida de preto levantar a mão para um oficial do regimento de South Essex. Sharpe viu um homem louro, imaculadamente uniformizado, num cavalo que provavelmente havia custado mais do que o posto de quem o montava. A jovem esporeou sua égua e, seguida pelo serviçal com a mula, juntou-se à retaguarda do batalhão que marchava pela estrada em direção a Castelo Branco. A praça ficou vazia de novo, a poeira se assentando no calor feroz. Sharpe se recostou de volta e começou a rir.

— O que há de tão engraçado? — perguntou Hogan.

Sharpe apontou com o copo de conhaque para o casaco em frangalhos e a calça rasgada de Harper.

— Sir Henry não vai exatamente gostar de seus novos aliados.

O rosto do sargento permaneceu sério.

— Deus salve a Irlanda.

Hogan levantou seu copo.

— Amém.

CAPÍTULO II

O som dos tambores era distante e abafado, às vezes se misturando com os outros sons da cidade, mas insistente e sinistro, e Sharpe ficou feliz quando o barulho parou. Também ficou feliz porque haviam chegado a Castelo Branco, vinte e quatro horas depois do

5. regimento de South Essex, após uma jornada cansativa que consistira em forçar as mulas de Hogan numa estrada rasgada por sulcos fundos e irregulares mostrando onde a artilharia de campo havia passado antes. Agora as mulas, carregadas com barriletes de pólvora, pacotes de oleado com

10. pavios, picaretas, pés de cabra, pás, todo o equipamento que Hogan necessitava para Valdelacasa, seguiam pacientemente atrás dos fuzileiros e dos artífices de Hogan abrindo caminho pelas ruas apinhadas em direção à praça principal. Enquanto se derramavam sob o sol luminoso, as suspeitas de Sharpe com relação ao som dos tambores foram confirmadas.

15. Alguém fora açoitado. Agora tudo terminara. A vítima havia ido embora e Sharpe, olhando a formação aberta do South Essex na praça, lembrou-se de quando fora açoitado, anos antes, e da luta para manter a agonia escondida, para não mostrar aos oficiais que o chicote doía. Sharpe levaria as cicatrizes do açoitamento até a sepultura, mas tinha lá suas duvidas se Simmerson sabia como fora selvagem o castigo que acabara de infligir ao seu batalhão.

20.

Hogan puxou as rédeas de seu cavalo à sombra do palácio do bispo.

— Este não parece o melhor momento para falar com o bom coronel.
— Soldados estavam tirando quatro triângulos de madeira encostados na parede mais distante, do outro lado da praça. Quatro homens açoitados. Santo Deus, pensou Sharpe, quatro homens. Hogan virou o cavalo até ficar de costas para o batalhão. — Preciso guardar a pólvora, Richard. Caso contrário cada grão será roubado. Encontro você aqui.

Sharpe assentiu.

— Preciso de água, de qualquer modo. Dez minutos?

Os homens de Sharpe desmoronaram ao pé da parede, largando mochilas e fuzis, com o humor azedado pela lembrança, diante deles, de uma disciplina que os regimentos de fuzileiros haviam praticamente descartado. Sir Henry foi com seu cavalo, delicadamente, ao centro da praça e sua voz chegou com clareza até Sharpe e seus homens.

— Açoitei quatro homens porque quatro homens desertaram. — Sharpe levantou a cabeça, espantado. Já havia desertores? Olhou para o batalhão, cujos rostos estavam inexpressivos, e se perguntou quantos outros sentiam-se tentados a escapar das fileiras de Simmerson. O coronel estava meio de pé na sela. — Alguns de vocês sabem como esses homens planejaram o crime. Alguns de vocês os ajudaram. Preferiram o silêncio, portanto açoitei quatro homens para lembrar-lhes de seu dever. — A voz dele era curiosamente aguda; seria engraçado se a presença do sujeito não fosse tão grande. Estivera falando de modo controlado, quase casual, mas de repente sir Henry se virou à esquerda e à direita e balançou um braço como se quisesse apontar para cada homem sob seu comando. — Vocês serão os melhores! — O volume foi tão súbito que pombos voaram, espantados, das lajes do convento. Sharpe esperou por mais, porém não houve. O coronel virou seu cavalo e se afastou deixando o grito de batalha ressoar como uma ameaça.

Sharpe atraiu o olhar de Harper e o sargento deu de ombros. Não havia nada a dizer, os rostos do regimento de South Essex proclamavam o fracasso de Simmerson; eles simplesmente não sabiam como ser os melhores. Sharpe ficou olhando as companhias marcharem para fora da praça e só viu mau humor e ressentimento nas expressões. Sharpe acreditava na disciplina. A deserção ao inimigo merecia a morte, algumas ofensas mere-

ciam açoite, e se um homem fosse enforcado por saque descarado, era culpa dele, porque as regras eram simples. E para Sharpe essa era a chave: manter as regras simples. Ele pedia três coisas a seus homens. Que lutassem, como ele lutava, com um profissionalismo implacável. Que só roubassem do inimigo e dos mortos, a não ser que estivessem passando fome. E que jamais se embebedassem sem sua permissão. Era um código simples, compreensível por homens que na maioria haviam entrado para o exército porque tinham fracassado em outros lugares, e funcionava. Era sustentado pelo castigo e Sharpe sabia, apesar de seus homens gostarem dele e o seguirem de boa vontade, que eles temiam sua raiva quando violavam a confiança. Sharpe era um soldado.

Atravessou a praça na direção de um beco, procurando uma fonte de água, e notou um tenente da Companhia Ligeira do South Essex cavalgando na direção do mesmo beco sombreado entre as construções.

Era o homem que havia acenado para a jovem de preto, e Sharpe sentiu uma pontada de irritação enquanto entrava primeiro no beco. Era um ciúme irracional. O uniforme do tenente era cortado com elegância, o sabre curvo da infantaria ligeira era caro, e o cavalo preto que ele montava valia provavelmente um posto de tenente. Sharpe se ressentiu da riqueza do sujeito, da superioridade fácil de um homem nascido com terras e nobreza, e isso o irritava porque ele sabia que o ressentimento se baseava na inveja. Espremeu-se na lateral do beco para deixar o cavaleiro passar, olhou para cima e assentiu afável, e teve a visão de um rosto fino, bonito, cercado por cabelos louros. Esperava que o tenente o ignorasse; Sharpe não tinha talento para falar amenidades e não queria manter uma conversa incômoda num beco fedorento quando, sem dúvida, mais tarde seria apresentado aos oficiais do batalhão.

Ficou desapontado. O tenente parou e olhou para o fuzileiro.

— Não ensinam os fuzileiros a prestar continência? — A voz do tenente era macia e tão rica quanto seu uniforme. Sharpe não disse nada. Sua dragona estava faltando, arrancada na luta de inverno, e ele percebeu que o tenente louro o havia confundido com um soldado raso. Não era de se surpreender. O beco tinha sombras profundas, o perfil de Sharpe, com o

fuzil pendurado, ajudava a explicar o erro do tenente. Sharpe olhou para o rosto fino, de olhos azuis, e já ia explicar o mal-entendido quando o tenente vibrou o chicote acertando o rosto de Sharpe.

— Responda, seu desgraçado!

Sharpe sentiu a raiva subir por dentro, mas ficou imóvel e esperou sua hora. O tenente puxou o chicote de volta.

— Que batalhão? Que companhia?

— Segundo batalhão, quarta companhia. — Sharpe falou com insolência deliberada e se lembrou de quando não tinha proteção contra oficiais assim. O tenente sorriu de novo, não mais de modo agradável.

— Você vai me chamar de “senhor”. Vou obrigá-lo. Quem é o seu oficial?

— O tenente Sharpe.

— Ah! — O tenente manteve o chicote levantado. — O tenente Sharpe, de quem todos ouvimos falar. Ele fez carreira começando de baixo, não foi?

Sharpe assentiu e o tenente levantou o chicote mais ainda.

— É por isso que você não diz “senhor”? O senhor Sharpe tem ideias estranhas sobre disciplina? Bom, terei de ver o tenente Sharpe, não terei? E farei com que você seja punido por insolência. — Ele baixou o chicote na direção da cabeça de Sharpe. Não existia espaço para o fuzileiro recuar, mas não havia necessidade. Em vez disso pôs as duas mãos embaixo do estribo do sujeito e empurrou para cima com toda a força. O chicote parou em algum lugar no meio do golpe, o homem começou a gritar, e no instante seguinte estava caído de costas do lado oposto do cavalo, onde outro animal havia defecado antes.

— Você terá de lavar seu uniforme, tenente — disse Sharpe.

O cavalo do sujeito havia relinchado e avançado alguns passos, e o furioso tenente lutou para se levantar e pôs a mão no punho do sabre.

— Olá! — Hogan estava espiando para dentro do beco. — Achei que havia perdido você! — O engenheiro veio montado em seu cavalo até os dois homens, e olhou divertido para o fuzileiro. — Todas as mulas estão no estábulo; a pólvora, guardada. — Em seguida se virou para o desconhecido tenente e levantou o chapéu. — Boa tarde. Acho que não nos conhecemos. Meu nome é Hogan.

O tenente soltou a espada.

— Gibbons, senhor. Tenente Christian Gibbons.

Hogan riu.

— Vejo que já conheceu o Sharpe. Tenente Richard Sharpe, do 95º de Fuzileiros.

Gibbons olhou para Sharpe e seus olhos se arregalaram enquanto notava, pela primeira vez, que a arma na cintura de Sharpe não era a baioneta usual carregada pelos fuzileiros, e sim uma espada completa. Levantou os olhos para encarar Sharpe nervosamente. Hogan continuou animado:

— Você ouviu falar em Sharpe, claro; todo mundo ouviu. É o garoto que matou o sultão Tipu. Depois, vejamos, houve aquela situação medonha em Assaye. Ninguém sabe quantos Sharpe matou por lá. Você sabe, Sharpe? — Hogan ignorou qualquer resposta possível e continuou sem remorsos: — Um sujeito terrível, o nosso tenente Sharpe, igualmente fatal com espada ou arma de fogo.

Gibbons não podia se enganar com a mensagem de Hogan. O capitão vira a briga e estava alertando Gibbons sobre a consequência provável de um duelo formal. O tenente aceitou a saída proposta. Abaixou-se e pegou sua barretina da Companhia Ligeira e assentiu para Sharpe.

— O erro foi meu, Sharpe.

— O prazer foi meu, tenente.

Hogan ficou olhando Gibbons pegar seu cavalo e desaparecer do beco.

— Você não é muito gentil quando recebe um pedido de desculpas.

— O pedido não foi feito com muita gentileza. — Sharpe coçou a bochecha. — De qualquer modo, o desgraçado bateu em mim.

Hogan deu um riso incrédulo.

— Ele o quê?

— Me bateu, com o chicote. Por que acha que eu o joguei no esterco?

Hogan balançou a cabeça.

— Não há nada tão satisfatório quanto um relacionamento amigável e profissional com os colegas oficiais, meu caro Sharpe. Estou vendo que esse serviço será um prazer. O que ele queria?

— Que eu prestasse continência. Achou que eu era soldado raso.

Hogan riu de novo.

— Deus sabe o que Simmerson vai pensar de você. Vamos descobrir.

Foram levados até a sala de Simmerson e encontraram o coronel do regimento de South Essex sentado em sua cama, usando apenas uma calça. Um médico estava ajoelhado junto dele e levantou os olhos nervoso quando os dois oficiais entraram no quarto; esse movimento provocou um golpe impaciente da mão de Simmerton.

— Ande, homem. Não tenho o dia todo!

O doutor estava segurando o que parecia uma caixa de metal com um gatilho montado no topo. Passou-o por cima do braço de sir Henry e Sharpe viu que ele estava tentando achar um trecho de pele que ainda não estivesse arranhado com cicatrizes estranhamente regulares.

— Escarificação! — rosnou sir Henry para Hogan. — Você costuma fazer sangria, capitão?

— Não, senhor.

— Deveria. Mantém o homem saudável. Todos os soldados deveriam sangrar. — Ele se virou de volta para o médico que ainda estava hesitando sobre o antebraço arranhado. — Ande, seu idiota!

Por nervosismo, o médico apertou o gatilho por engano e houve um estalo forte. Da parte de baixo da caixa Sharpe viu um grupo de pequenas lâminas malignas saltar como línguas de aço. O doutor as encolheu de volta.

— Desculpe, sir Henry. Um momento.

O médico forçou as lâminas de volta na caixa e Sharpe percebeu de repente que era uma máquina de sangria. Em vez do antiquado bisturi na veia, sir Henry preferia o moderno escarificador, supostamente mais rápido e mais eficaz. O doutor pôs a caixa no braço do coronel, olhou nervoso para o paciente e depois apertou o gatilho.

— Ah! Assim está melhor! — Sir Henry fechou os olhos e deu um sorriso momentâneo. Um fio de sangue escorreu por seu braço e escapou da toalha que o médico estava usando para estancar o fluxo.

— De novo, Parton, de novo!

O médico balançou a cabeça.

— Mas, sir Henry...

Simmerson deu um cascudo no médico com a mão livre.

— Não discuta comigo! Que desgraça, homem, me sangue! — Em seguida olhou para Hogan. — Sempre fico irritado demais depois de um açoitamento, capitão.

— É bem compreensível, senhor — disse Hogan com seu sotaque irlandês, e Simmerson olhou-o com suspeitas. A caixa estalou de novo, as lâminas se cravaram no braço gorducho e mais sangue escorreu sobre os panos. Hogan captou o olhar de Sharpe e houve um brilho de sorriso que poderia facilmente se transformar em gargalhada. Sharpe olhou de volta para sir Henry Simmelton, que estava vestindo a camisa.

— Você deve ser o capitão Hogan, não é?

— Sim, senhor — assentiu Hogan afavelmente.

Simmerson se virou para Sharpe.

— E quem, diabos, é você?

— Tenente Sharpe, senhor, do 95º de Fuzileiros.

— Não é, não. Você é uma desgraça, isso é que é!

Sharpe ficou quieto. Olhou por cima do ombro do coronel, pela janela, para os montes azuis e longínquos onde os franceses juntavam as forças.

— Forrest! — Simmerson havia se levantado. — Forrest!

A porta se abriu e o major, que devia estar esperando o chamado, entrou. Deu um sorriso temeroso para Sharpe e Hogan e em seguida se virou para Simmerson.

— Coronel?

— Este oficial precisará de um novo uniforme. Forneça-o, por favor, e arranje para que o dinheiro seja deduzido do pagamento dele.

— Não — disse Sharpe em tom chapado. Simmerson e Forrest se viraram para encará-lo. Por um momento sir Henry não disse nada, não estava acostumado a ser contrariado, e Sharpe continuou: — Sou oficial do 95º Regimento de Fuzileiros e usarei o uniforme do meu regimento enquanto tiver essa honra.

Simmerson começou a ficar vermelho e seus dedos se remexeram ao lado do corpo.

— Sharpe, seu maldito! Você é uma desgraça! Não é um soldado, é um varredor! Você está sob minhas ordens agora e estou ordenando que volte aqui em quinze minutos...

— Não, senhor. — Desta vez foi Hogan quem falou. Suas palavras fizeram Simmerson parar no meio do fluxo, mas o capitão não deu tempo para o coronel se recuperar. Soltou todo o seu charme irlandês, começando com um sorriso tão doce e razoável que seria capaz de atrair um peixe para fora d'água. — Veja bem, sir Henry, Sharpe está sob minhas ordens. O general foi bastante específico. Pelo que entendo, sir Henry, nós acompanhamos um ao outro até Valdelacasa, mas Sharpe está comigo.

— Mas... — Hogan levantou uma das mãos diante do protesto de Simmerson.

— O senhor está certo, certo demais. Mas, claro, deve entender que as condições no campo não são tudo que desejaríamos, e é muito melhor, senhor, não preciso observar, que eu tenha a disposição dos fuzileiros.

Simmerson encarou Hogan. O coronel não havia entendido uma palavra do absurdo dito por Hogan, mas tudo aquilo fora declarado de um modo tão casual, e tão de soldado para soldado, que Simmerson estava tentando desesperadamente encontrar uma resposta que não o fizesse parecer idiota. Olhou para Hogan por um momento.

— Mas esta decisão seria minha!

— Como o senhor está certo, como é verdadeiro! — Hogan falava enfática e calorosamente. — Isto é: em situação normal. Mas creio que o general tinha em mente, senhor, que o senhor estaria muito assoberbado pelos problemas de nossos aliados espanhóis e afinal de contas, senhor, existem as exigências de engenharia das quais o tenente Sharpe entende. — Ele se inclinou adiante, de modo conspiratório. — Preciso de homens para pegar e carregar, senhor. O senhor entende.

Simmerson sorriu, depois deu uma gargalhada ruidosa. Hogan o havia tirado da situação difícil. Apontou para Sharpe.

— Ele se veste como um trabalhador comum, hein, Forrest? Um trabalhador! — Simmerson ficou deliciado com sua piada e repetiu-a para si mesmo enquanto vestia o enorme paletó escarlate e amarelo. — Um traba-

lhador! Hein, Forrest? — O major sorriu obedientemente. Parecia um vi-gário sofredor, continuamente assolado pelos pecados de um rebanho que não se arrependia, e quando Simmerson deu as costas, ele deu um olhar de desculpas para Sharpe. — Tem feito muito serviço de soldado, Sharpe? Afora pegar e carregar?

— Um pouco, senhor.

Simmerson deu um risinho.

— Quantos anos você tem?

— Trinta e dois, senhor. — Sharpe olhava rigidamente adiante.

— Trinta e dois, hein? E ainda é apenas tenente? Qual é o problema, Sharpe? Incompetência?

Sharpe viu Forrest sinalizando para o coronel, mas ignorou os movimentos.

— Eu comecei de baixo, como soldado raso, senhor.

A mão de Forrest baixou. O queixo do coronel caiu. Não havia muitos homens que davam o salto de sargento a alferes, e esses raramente podiam ser acusados de incompetência. Só havia três qualificações de que um soldado comum necessitava, para receber uma patente. Primeiro devia ser capaz de ler e escrever, e Sharpe havia aprendido isso na prisão do sultão Tipu, ao som dos gritos dos outros prisioneiros britânicos que eram torturados. Em segundo lugar, o homem tinha de realizar algum ato de coragem suicida, e Sharpe sabia que Simmerson estava se perguntando o que ele teria feito. A terceira qualificação era uma sorte extraordinária, e às vezes Sharpe se perguntava se isso não era uma espada de dois gumes. Simmerson fungou.

— Então você não é cavalheiro, Sharpe?

— Não, senhor.

— Bom, pelo menos poderia tentar se vestir como um, não? Só porque cresceu numa pocilga não significa que tenha de se vestir como um porco, não é?

— Não, senhor. — Não havia mais nada a dizer.

Simmerson pendurou a espada na barriga vasta.

— Quem lhe deu o posto, Sharpe?

— Sir Arthur Wellesley, senhor.

Sir Henry deu uma gargalhada de triunfo.

— Eu sabia! Não tem padrões, não tem absolutamente nenhum padrão! Eu vi este exército, a aparência dele é uma desgraça! Não se pode dizer isso dos meus homens, não é? Não se pode lutar sem disciplina! — Ele olhou para Sharpe. — O que faz um bom soldado, Sharpe?

— A capacidade de disparar três tiros por minuto em tempo chuvoso, senhor. — Sharpe investiu sua resposta com um leve tom de insolência. Sabia que a resposta irritaria Simmerson. O South Essex era um batalhão novo e ele duvidava que a habilidade no uso dos mosquetes estivesse à altura de outros batalhões mais antigos. De todos os exércitos na Europa, apenas o britânico treinava com munição de verdade, mas demorava semanas, às vezes meses, para um soldado aprender a tarefa complicada de carregar e disparar um mosquete com rapidez, ignorando o pânico, apenas se concentrando em atirar melhor do que o inimigo.

Sir Henry não havia esperado essa resposta, e ficou olhando pensativo para o fuzileiro cheio de cicatrizes. Para ser honesto, e sir Henry não gostava de ser honesto consigo mesmo, ele sentia medo do exército que havia encontrado em Portugal. Até agora sir Henry pensara que ser soldado era uma questão gloriosa de homens obedientes formados em linhas absolutamente retas, com as casacas escarlates reluzindo ao sol, e em vez disso fora recebido por oficiais informais, malvestidos, que zombavam do treinamento de sua milícia. Sir Henry havia sonhado em liderar seu regimento numa batalha, montado em seu cavalo, com a espada erguida, ganhando uma glória imorredoura. Mas olhando para Sharpe, que se parecia com tantos oficiais que ele encontrara no seu breve tempo em Portugal, pegou-se imaginando se haveria algum oficial francês parecido com Sharpe. Tinha imaginado o exército de Napoleão como um rebanho de soldados ignorantes pastoreados por oficiais almofadinhas, e estremeceu por dentro ao pensar que eles poderiam ser homens magros e endurecidos como Sharpe, que poderiam arrancá-lo da sela antes que ele tivesse a chance de ser pintado a óleo como um herói conquistador. Sir Henry já estava com medo e ainda não vira nenhum inimigo, mas primeiro precisava conseguir uma vingança súbita contra esse fuzileiro que o deixara sem palavras.

— Três tiros por minuto?

— Sim, senhor.

— E como se pode ensinar os homens a disparar três tiros por minuto? Sharpe deu de ombros.

— Com paciência, senhor. Treino. Uma batalha faz muito bem.

Simmerson fez um muxoxo para ele.

— Paciência! Treino! Eles não são crianças, Sharpe. São bêbados e ladrões! Saídos da sarjeta! — Sua voz estava subindo de volume outra vez. — É preciso enfiar isso a açoite neles, Sharpe, a açoite! É o único modo! Dar uma lição que eles jamais esqueçam. Correto?

Houve silêncio. Simmerson se virou para Forrest.

— Correto, major?

— Sim, senhor. — A resposta de Forrest carecia de convicção. Simmerson virou-se para Sharpe.

— Sharpe?

— É o último recurso, senhor.

— O último recurso, senhor. — Simmerson imitou Sharpe mas ficou secretamente satisfeito. Era a resposta que desejava. — Você é mole, Sharpe! É capaz de ensinar homens a disparar três tiros por minuto?

Sharpe pôde sentir o desafio no ar, mas não havia como recuar.

— Sim, senhor.

— Certo! — Simmerson esfregou as mãos. — Esta tarde. Forrest?

— Senhor?

— Dê uma companhia ao senhor Sharpe. A ligeira servirá. O senhor Sharpe vai melhorar a capacidade de tiro deles! — Simmerson se virou e fez uma reverência para Hogan, com ironia pesada. — Isto é, se o capitão Hogan concordar em nos emprestar os serviços do tenente Sharpe.

Hogan deu de ombros e olhou para Sharpe.

— Claro, senhor.

Simmerson sorriu.

— Excelente! Então, senhor Sharpe, vai ensinar minha companhia ligeira a disparar três tiros por minuto?

Sharpe olhou pela janela. Era um dia quente e seco, e não havia motivo para um homem bom não disparar cinco tiros por minuto num tempo

assim. Dependia, claro, da condição atual da companhia ligeira. Se eles só conseguissem dar dois tiros por minuto era quase impossível torná-los especialistas numa tarde, mas não faria mal tentar. Olhou de volta para Simmerson.

— Tentarei, senhor.

— Ah, tentará, senhor Sharpe, tentará. E pode dizer a eles que eu avisei que, se fracassarem, vou açoitar um em cada dez homens. Entendeu, senhor Sharpe? Um em cada dez.

Sharpe entendeu muito bem. Caíra na armadilha de Simmerson, para fazer um serviço provavelmente impossível, e o resultado seria que o coronel teria sua orgia de açoites e ele, Sharpe, ficaria com a culpa. E se tivesse sucesso? Então Simmerson poderia dizer que fora a ameaça dos açoites que provocara o resultado. Viu o triunfo nos pequenos olhos vermelhos de Simmerson e sorriu para o coronel.

— Não falarei a eles sobre os açoites, coronel. O senhor não quereria que eles se distraíssem, não é?

Simmerson sorriu de volta.

— Use os seus métodos, senhor Sharpe. Mas deixarei o triângulo onde está; acho que irei precisar dele.

Sharpe colocou sua barretina puída na cabeça e fez uma saudação, com uma precisão de estalar os ossos.

— Não se incomode, senhor. Não precisará do triângulo. Bom dia, senhor.

Agora faça isso acontecer, pensou.